

Baptista Bastos - entre a solidão e o desencanto

Na releitura de **Um Homem Parado no Inverno** (1991), que aparece agora em 5ª edição, torna-se inevitável lembrar que, como leitores de outros livros de Baptista-Bastos, sabemos desse espírito de revolta e da sua denunciadora intenção desde as páginas de "O Secreto Adeus" (1963), passados alguns anos de outras experiências e queixumes, na formação de uma personalidade e no desencanto das suas próprias vivências até hoje pelo mesmo e inalterável trajecto literário.

Assim, se "Elegia para um Caixão Vazio" (1984), de que falaremos num dos próximos números de "A Página", é uma narrativa de um tempo de solidão e desencanto, de amor e desamor, de coragem e cobardia, de luta e talvez de cansaço, por ser bem difícil suportar um quotidiano que pesa e quase rouba todas as forças para enveredar por outros caminhos, e se "A Colina de Cristal" (1987) se revela, sobretudo, como uma forma de reinvenção dos lugares de espanto e de história, onde ganha sentido e força esse "espírito" dos lugares, não como atitude lírica ou sentimental, e antes como forma de reinventar o "tempo certo" para assim entender o que nas páginas finais desse romance claramente se denuncia, ou seja, uma metafórica "colina de cristal" que foi palco de outros combates e desfiles militares, tão perto de Belém onde o poder (e outros poderes) se decide, a verdade é que face a este livro, amargamente intitulado "Um Homem Parado no Inverno", nos atinge uma certa perplexidade não apenas pelo tom desencantado e solitário, mas sobretudo porque Manuel se apresenta como personagem distante, figura passadista, amargurada e desencantada no mais fundo de si, mas também porque os seus dissabores ou desilusões se perdem pelos fios de uma memória em que as palavras e actos, memórias e factos, nos reafirmam (ainda) uma certa expressividade contingente da própria História - ontem e hoje, claro.

Na estrutura narrativa deste romance, desejando sobrepor os planos da própria intriga, Baptista-Bastos acaba por construir um livro com uma linguagem marcadamente barroca, difícil, propositadamente embrulhada nas sombras e vozes que deseja "reavivar" ou através delas fazer o seu juízo do tempo, dos homens e da história vivida. Não se trata de um canto desiludido pelo "tempo europeu" sentido neste espaço extremo-ocidental, mas de um amargo "ajuste de contas" com a própria consciência: não a de Baptista-Bastos, mas a do seu personagem Manuel, que neste romance parece fazer o trajecto queirociano de Jacinto de "A Cidade e as Serras", embora com outras profundas e desencontradas razões pessoais.

Se este "inverno" (miticamente sonhado pelo Autor) "vai ser longo e áspero", como conclui na última página, e o protagonista, desenfadado da vida e dos homens, "terá muito tempo para recordar" ou invocar a sua própria vida, também é certo que depois de um demorado inverno, frio e chuvoso, catastrófico ou ciclónico, nem tudo é varrido pela força dos elementos - e a um inverno penumbroso uma primavera há-de renascer, na melodia redescoberta da música de Vivaldi e de outras lembranças. Não para cantar outros "amanhãs", mas para fazer ressurgir a esperança em dias melhores e na certeza sabida de que o mundo não pára, os homens parados no inverno só existem no forçado "imaginário" de quem acredita que o mundo acaba perto da janela quando o sol deixa de a iluminar. No entusiasmo de uma certa "paixão" que vem de outros livros, Baptista-Bastos redescobriu, pelas páginas deste romance, um "itinerário" de solidão e desencanto, que torna difícil entender o pessimismo que perpassa ao longo de todo o livro. Mas o que pessoalmente mais nos surpreende é a "troca" ou a "recusa" de nesse comovente e sincero percurso feito por Manuel, nos altos e baixos das suas recordações e experiências, não haver lugar para reinventar a realidade nos limites de outros sonhos ou na ilusão ainda de uma certa inocência que de todo se não pode perder. Não para entender o "passado" em cores azuladas ou rosas, mas para se compreender que a generosidade patente noutros livros (ou o combate enaltecido por diferentes valores humanos) se não pode pôr de lado de um instante para o outro, só porque caiu o muro de Berlim ou o império dos czares se "ressuscita" por outras águas turvas que hão-de correr em avalanche por debaixo de muitas pontes. Mas o tempo dirá ou falará por si. Ou já falou, quem sabe.

E daí que pensar-se na leitura deste "Homem Parado no Inverno" como "alegoria" ou "manifesto" de desencanto por valores que ruíram ou estão em saldo, não seja razão para se não entender o sentido profundo deste romance de Baptista-Bastos. No entanto, porque é excessivamente evidente a "intenção" nos passos e andanças da personagem principal, mesmo nos subentendidos de outras referências ou anotações narrativas que se descobrem na própria leitura, o que mais nos surpreende é essa "perda" de sentido ou de orientação, como se o mundo tivesse acabado e os homens não pudessem alimentar outros sonhos. Amarga e pesada a visão deste romance, não podemos deixar de lembrar, um pouco em memória de Vailland, tão do agrado do autor de "Cão Velho Entre Flores", que um "homem só" não faz a revolução, mas pode (e deve) ajudar. Sempre foi assim - ontem e amanhã, claro. E o mundo avança noutro sentido, neste limiar de um século XXI que será talvez mais humanista sob vários aspectos da evolução da Humanidade, mesmo com os fracassos e quedas de todas as utopias, mesmo com todo o cortejo de novos salvadores ou arautos que, afinal, "cantam outros amanhã".

Por isso, na esperança desesperada da personagem que se ergue nas páginas de "Um Homem Parado no Inverno" e nos faz conhecer o que não podemos aceitar, é esse sentido subjacente que se adivinha ser a forma e o fundo dessa intenção tão claramente pessimista: a de que depois do ruir de todas as ideologias nem o dilúvio nos salvará. E não é verdade. Outros valores se hão-de impor para que o homem alcance a sua salvação e redenção última, mesmo com todos os "terrorismos" islâmicos e outros, porque a Humanidade sempre avançou para lá de todas as

barbáries cometidas no correr dos séculos. E os ventos infames dos dias hoje vividos não-de serenar e o mundo avançará, como acredita Manuel, mesmo que o inverno seja longo e áspero.

Serafim Ferreira / crítico literário

BAPTISTA-BASTOS
UM HOMEM PARADO NO INVERNO
Ed. ASA / Porto, 2001.